



Hernâni Bettencourt*

Silêncio, medo e mais uma comissão

Após umas merecidas férias a que todos temos direito, voltamos lentamente ao ativo. Os nossos representantes é que já estão numa verdadeira roda viva. Uns em jornadas parlamentares, outros em universidades de verão, alguns senadores reunidos em conselhos pouco recomendáveis face às fugas do edifício e, à data que escrevo, uns quantos deputados fechados numa sala dedicada a um estafado remake sobre a SATA. Desta correria dos nossos ilustres representantes, cumpre-me destacar três eventos esclarecedores ou não e que até têm títulos apelativos para um bom filme ou livro. Ora vejam:

I- O silêncio de Costa

Nos últimos dias foi tema para comentadores e políticos se entreterem durante horas. Parece que o senhor Primeiro-Ministro, na recente reunião do Conselho de Estado, ouviu poucas e boas dos seus “amigos” Marcelo, Cavaco, Marques Mendes e outros relativamente ao estado da nação e optou por um estrondoso silêncio. Foi de sábio, dizem uns. Foi um desrespeito, dizem outros. E andámos nisto uns dias. Da minha parte, o alegado blackout levou-me até Séneca que deixou para a posteridade o seguinte ensinamento: “Cala-te primeiro se queres que os outros se calem.” Temo bem, ainda para mais com o que se vai dizendo de putativos candidatos às europeias pelo PS, que Marcelo e os demais amigos dentro e fora dos partidos, pós veredito popular, não cumpram Séneca e muito menos Confúcio que defendia que “o silêncio é um amigo que nunca trai.”

II- Há medo no Corvo

Eu que julgava que os nossos concidadãos corvinos, pelas adversidades a que estão sujeitos, eram um povo de uma valentia impar, fui surpreendido com declarações públicas que apontam um povo amedrontado, com receio de se exprimir publicamente. Esse é, segundo ouvi, um dos maiores problemas da nossa mais pequena ilha. Clima de medo e de opressão? No Corvo?! Apesar de contextualizar tais afirmações numa acesa luta política local, tenho que dizer que não era preciso ir tão longe. Parece-me uma afirmação muito exagerada. E convém ter presente, como nos disse Friedrich Hegel, que “quem exagera o argumento, prejudica a causa.” E a causa terá de ser sempre a melhoria da vida dos Corvinos!

III- Inquérito 37

Aí está mais um inquérito parlamentar à SATA. Já ninguém sabe ao certo o número de inquéritos, debates, discussões e afins sobre a SATA. A análise está feita há muito tempo. Todos sabemos as responsabilidades de uns e de outros. Todos sabemos os erros e omissões grosseiras. Todos sabemos o suficiente para dispensarmos voltar ao que está debaixo do tapete. Tapete este que tem dimensões muito significativas. Ou será desta que haverá consequências? E essas consequências serão mesmo competência de um órgão político? Não me parece... Daí entender que a rolagem a que iremos assistir era dispensável. Querem saber como vai acabar? Vejam até ao fim...

*Jurista



Eduardo Bettencourt Pinto

Sri Jaday Payeno – plantador de árvores

No fundo, no coração molecular da vida, nós e as árvores somos essencialmente idênticos.

– Carl Sagan

O metal dos carros, à entrada das casas, refulge. Alguns deles parecem novos. Muitos, de luxo, são de carteiras da classe-média alta. Os donos cuidam deles com esmero. As caixas de metal (como lhes chamo) testemunham do estatuto económico dos seus proprietários, da sua visibilidade e certificado de sucesso. Os veículos, em certas mentes, não representam apenas meios de transporte. Dão brilho ao ego, alardeiam estatuto de prosperidade e prestígio.

Em preocupante contraste, nos canteiros ladeando os preciosos veículos, agonizam plantas por falta de água. Flores e árvores de pequeno porte. Esta evidente indiferença pela Natureza, chocante e cruel, é como ter um sem-abrigo à nossa porta. Passamos por ele sem ver sede e fome nos seus olhos. Está ali, sentado entre os despojos da sua vida. A sua vulnerabilidade e pobreza não nos incomoda. O mesmo acontece com as plantas às quais sonégamos a existência, por incúria, preguiça e chocante apatia.

Ao contrário deste cenário descobrimos, com agrado e esperança, Sri Jaday Payeno. É conhecido como *Mr. Forest Man of the World* porque planta árvores há mais de 58 anos.

Anda descalço, munido de um machete artesanal. Num cesto de vimes,

com alças altas, transporta as minúsculas árvores que planta diariamente. Já cobriu, sozinho, uma vasta área: 22 km² onde vagueiam tigres, elefantes e búfalos.

Payeno vive em Majuli, Índia, no estado de Assam. Magmar é a vila principal. Sendo a maior ilha fluvial do mundo, está localizada a Norte pelo rio Subansiri e a Sul pelo Brahmaputra. Há 100 anos cobria uma extensa área de 1000 km². Devido à erosão, tem vindo a decrescer substancialmente. A ilha perdeu 60% do seu território, estando agora reduzida a cerca de 400 km².

O impacto negativo na sua população tem sido drástico. Tufani An Sati, um residente de longa data, já mudou de casa 8 vezes. Explica à jornalista Sophie Fouron, no programa *The Island Diaries*, as vicissitudes a que estão sujeitos por viverem num sítio tão vulnerável e susceptível de um dia vir a desaparecer, caso não haja uma eficaz intervenção humana.

Em oposição ao sortilégio do materialismo sem medida ética do primeiro mundo, e de uma nova cultura que se ufana na defesa dos seus privilégios à sombra de direitos desprovidos de obrigações, Payeno curva-se sobre a terra. Tenta, todos os dias, com esforço e abnegação, plantar as raízes e a consciência de um novo mundo. Este está demasiado sufocado pela incongruente acção dos homens e pela sua incomensurável indiferença.

Estou com Payeno.